Alegação final: a “questão da mulher” é mesmo tão importante?

Hans-Jörg Ronsdorf · maio de 2021 · revisado em outubro de 2026

Uma irmã me chamou a atenção para o fato de que essa questão não se trata (apenas) de teologia. Trata-se de pessoas. Trata-se de meninas e mulheres, da sua dignidade e do seu reconhecimento. Eu, como homem, considero todo esse tema da perspectiva masculina, o que não reproduz diretamente a voz das mulheres, mas fala em favor delas.

Receio que essa estrutura hierárquico-religiosa (complementarismo) tenha ferido ou destruído algo em muitas mulheres. Os poucos retornos ao meu livro confirmam essa avaliação. O número oculto deve ser maior, especialmente quando penso nas moças e meninas que crescem numa sociedade de igualdade de direitos, mas que, em seu ambiente de igreja cristã, são “ensinadas” com modelos antigos de papéis de gênero. Como lidar com essa ambivalência?

Não se trata de alguns ministérios (proibidos)

Para deixar claro: não se trata sobretudo de as mulheres não poderem pregar, ensinar ou liderar. De qualquer forma, muitas mulheres já se acostumaram com isso e perderam de vista que algo nisso possa algum dia mudar. Muitas vezes, elas consideram essas estruturas e regras, para si mesmas, verdade bíblica e já não questionam essas teses. Mas deveriam fazê-lo. Eu chamaria isso de uma luta saudável pelo conhecimento da verdade, justamente quando se pensa que esse conhecimento existe incontestado desde o cristianismo primitivo. Isso vale, aliás, para muitos temas da Bíblia. Às vezes é preciso soletrar os temas de novo desde o início.

A pergunta do título é uma reação quase irritada ao fato de que, com o meu livro (título: “Mulheres, perdoem-nos!” – Frauen, vergebt uns!) e com artigos, levanto sempre de novo essas perguntas (“feministas”). A meu ver, a pergunta quer dizer, ou minimizar, o seguinte: as irmãs têm na igreja, no reino de Deus e na família tantas tarefas e possibilidades de colaborar e de desenvolver os seus dons que não pode ser discriminação se elas não puderem pregar, ensinar ou liderar. Cada um tem o seu lugar e o seu papel, como a ordem da criação já teria estabelecido.

Mas, quando se tenta ver o quadro inteiro, não se trata de dois ou três ministérios que supostamente não caberiam a uma mulher. Trata-se de toda a imagem da mulher que está por trás disso. Por trás dessa pergunta, se ela é mesmo tão importante, está a ideia de que a mulher foi criada como ajuda (submissa) para Adão e lhe é hierarquicamente subordinada, sujeita ou posposta. ***Aqui está a raiz do problema de que muitas (não todas) mulheres sofrem***. Muitas vezes imperceptível de fora, há uma insegurança interior, profundamente escondida, um sentimento de injustiça. Quando a mulher, como tal, não é respeitada da mesma forma que um homem. Quando não se pode pensar livremente, mas é preciso pensar e agir dentro de limites legalistas (o que posso e o que não posso), que são piedosamente idealizados. Essa visão sobre o papel da mulher deixa muitas irmãs no Senhor com perguntas angustiantes e com dúvidas sobre si mesmas. Elas se perguntam por que Deus quis assim, enquanto lhes é incutido que esse é o plano de Deus. Se Deus é bom e perfeito, por que mulheres vivem coisas terríveis em casamentos cristãos e, nas igrejas, limites que o bom senso não consegue compreender?

Os mandamentos de Deus são sempre bons, e ele quer que entendamos o seu sentido, que (pelo menos no Novo Testamento) é sempre evidente. Mas nessa questão falta toda plausibilidade!

O que os homens sentem e não sentem

Esse é um sentimento que nós, homens, não conhecemos dessa forma. Raramente os homens são os mais fracos. Está na hora de perceber isso e de ser sensível a isso. Na imaginação e no pensamento de alguns homens, parece ser impossível compreender esses sentimentos de inferioridade nas mulheres.

Será que o verdadeiro motivo da alta carga emocional nesse tema é menos a fidelidade à Bíblia do que o próprio orgulho de ver questionado o seu papel de liderança, o seu ser-cabeça? Talvez apenas no subconsciente? Que, de repente, a esposa tenha os mesmos direitos e deveres que o marido? Quem viu e viveu isso de outra forma durante décadas experimenta essa percepção, quando ela chega, como um terremoto. Não só reconhecer o erro, mas também ajustar-se a uma outra vida em comum. Para isso é preciso força. Primeiro, discernimento. Mas o caminho bíblico leva à vida. Sempre.

Como lemos a Bíblia na questão da mulher

Não conheço nenhum tema tão carregado de emoção. Como se fosse questão de vida ou morte. Em temas como a pessoa de Jesus, a sua divindade e a sua obra redentora, isso seria compreensível, mas não na questão de se as mulheres podem orar e falar profeticamente no culto (algo que Paulo pressupõe naturalmente, quando se olha com atenção, se considera o contexto e também o grande quadro bíblico como um todo).

Como lemos a Bíblia quando se trata da questão da mulher? ***Vemos todo o tema por meio de dois (!) versículos de 1 Timóteo 2 e 1 Coríntios 14? Que doutrinas deformadas resultariam, afinal, se lêssemos e julgássemos a Bíblia também em outras questões doutrinárias importantes de forma tão estreita, a partir de dois versículos? E justamente não colocar todo o material bíblico numa relação saudável e plausível entre si e ponderá-lo. Só assim surge a sã doutrina!***

Então lemos como os escribas e pensamos encontrar nas Escrituras a vida eterna, mas deixamos de encontrar aquele de quem as Escrituras dão testemunho: Cristo (João 5:39). As Escrituras que tanto amamos dão testemunho daquele que conduziu as mulheres à liberdade: a aprender, a confessar, a testemunhar e a adorar.

Comecemos a valorizar o quadro inteiro da Bíblia sobre as mulheres, e não a interpretá-lo por meio de duas palavras de Paulo mal compreendidas.

Sensibilidade

Muitas mulheres percebem, quando leem a Bíblia, quando veem como Jesus tratava as mulheres, que algo não está certo. Fica ainda mais difícil para elas quando veem como os homens que devem ou querem liderar e ser cabeça fracassam. Embora justamente a eles, e não a elas, Deus supostamente tenha confiado esse papel. Mas quantas vezes são as esposas que tiram as castanhas do fogo.

Essa é a minha percepção a partir dos retornos ao meu livro. ***O título do livro parece preencher um vácuo enorme. Maior do que eu pensava quando decidi por esse título.***

Ora, conheço, sim, casamentos – até onde isso é possível mesmo para pessoas próximas – em que esse tipo de hierarquia é vivido com amor. Mas isso é indício de que a hierarquia seja então correta e santa? Certamente não. Quantas coisas erradas pensamos e fazemos, achando que são certas porque, de algum modo, funcionam.

Sim, a "questão da mulher" é absolutamente importante. Pois trata-se da nossa imagem de Deus e do ser humano. Trata-se de eliminar e corrigir toda perturbação e deformação dessa imagem. Que Deus tenha misericórdia de nós e nos ajude nessa tarefa, pois as imagens falsas estão inimaginavelmente arraigadas e, além disso, parecem a muitos verdade divina. No entanto, trata-se de um comportamento mundano. É o espírito da época – não do século XXI em nossa parte do mundo, mas o dos séculos XX e XIX que ficaram para trás.

Se nós, homens, queremos amar as nossas mulheres assim como Cristo amou a igreja (Efésios 5:25), então as tiraremos, pelo amor, desse papel errado e discriminatório e lhes daremos e abriremos o lugar que lhes cabe na ordem da criação de Deus.

Pois a questão da mulher é, no fundo, uma questão dos homens. Nós, homens, precisamos nos questionar! Pois quem é responsável pela leitura hierárquica e, às vezes, patriarcal do Novo Testamento? ***Os homens se apropriaram da soberania na interpretação da Bíblia e acreditam que esse é o seu campo exclusivo. Que superestimação de si mesmos.*** Os dons do Espírito não são distribuídos segundo o sexo. Por causa desse comportamento, inúmeros dons das mulheres foram esquecidos, reprimidos, desligados, ignorados e abafados. Apagar o Espírito (1 Tessalonicenses 5:19) não é, de fato, coisa pequena. São os homens que lideram as igrejas e determinam o rumo – as mulheres não têm voz nisso e, quando têm, é apenas de forma não oficial, por meio de seus maridos, que, no entanto, jamais admitiriam em seu círculo de liderança que seguem a opinião da esposa.

O que não é a minha preocupação

Não se trata nem de modernizar a igreja (não se trata de salas e prédios), nem de estar em dia com a época. ***Trata-se de fidelidade a Jesus, e isso é fidelidade à Bíblia!*** Não modernização, mas reforma na questão da mulher, para usar uma última vez essa duvidosa expressão "questão da mulher".

Não se trata de vencer um debate teológico. O tema não se presta a isso, já que pessoas (sobretudo as irmãs no Senhor) são diretamente afetadas, e a respectiva visão marca fortemente a vida, na igreja, no reino de Deus, no casamento e na família.

Mas, ainda assim, só um debate, só a objeção e só a palavra profética podem pôr esse tema de novo em movimento. Sem diálogo e sem uma disputa construtiva, tudo continuará como antes.

Motivo de separação?

O alto nível emocional nessa questão leva a ações rápidas e radicais, que muitas vezes terminam em separação, divisão e cisma. Para uns, ultrapassa-se um limite divino que para os outros não existe. E agora?

Suportar as tensões funcionará por algum tempo, mas, como essa questão contém tanto para ambos os lados, no fim não poderá haver caminho em comum. A não ser que se consiga suportar aquilo que é o costume de cada igreja. Sim, Deus também suporta muita coisa, mais do que podemos imaginar, sem aprovar o que é mau.

E assim cada um precisa decidir por si mesmo. A meu ver, também é difícil, nessa tensão, combinar um meio-termo em que cada um vá ao encontro do outro até onde puder defender.

Perdoe-me se não posso oferecer uma solução para esse tema. Separações costumam ser ruins, mas compromissos também podem ser.

As mulheres precisam se levantar

Há coisas na vida que só podemos fazer nós mesmos. Ninguém pode fazê-las por nós. As mulheres precisam se pôr a caminho, reconhecer o seu caminho e sair de uma submissão mal compreendida. Nas grandes igrejas há mulheres que despertaram e reconheceram que algo está muito errado na questão dos gêneros. Pode-se pensar o que quiser desses movimentos, mas digo com Oseias 8:7: ***Quem semeia ventos colherá tempestades.***

Nice Girls Don't Change the World – uma frase verdadeira (Meninas boazinhas não mudam o mundo; assim se intitula um livro de Lynne Hybels, 2005). Esse tema está tão emperrado e se tornou uma verdade tão intocável que um megafone é perfeitamente adequado para se levantar contra ele. Em outras verdades cristãs, consideradas relevantes para a salvação, também se grita alto, não é verdade?

A outra opção é que tudo fique como está. Para então, naquele grande dia, diante da sua glória, clareza e verdade, termos de constatar que nos enganamos, ambos os sexos. Os homens com os seus conhecimentos e as mulheres com a sua aceitação dessas supostas verdades bíblicas. Então uma grande oportunidade terá sido desperdiçada e perdida, para sempre.

Nem homens nem mulheres podem ser covardes agora! Defender a verdade sempre custa alguma coisa. ***Se, ao longo da história da igreja, muitas cristãs e muitos cristãos corajosos não se tivessem levantado repetidas vezes com coragem e nadado contra a corrente, tudo teria ido por água abaixo.*** E sabemos disso muito bem. Todo movimento e toda corrente da cristandade – e a alguma delas nós pertencemos – começou por meio de mulheres e homens corajosos e que oravam.

Um dia e agora

Na eternidade, esse tema não nos perseguirá mais. Não haverá mais emoção, nem acusações ou insinuações. Homem e mulher serão simplesmente como irmão e irmã; a hierarquia e a submissão unilateral serão história. Passado de um mundo caído e de uma ordem da criação perturbada.

Vivamos, pois, já agora, na medida em que depende de nós, a liberdade e a força dessa nova criação que nos tornamos no Messias ressuscitado e exaltado!